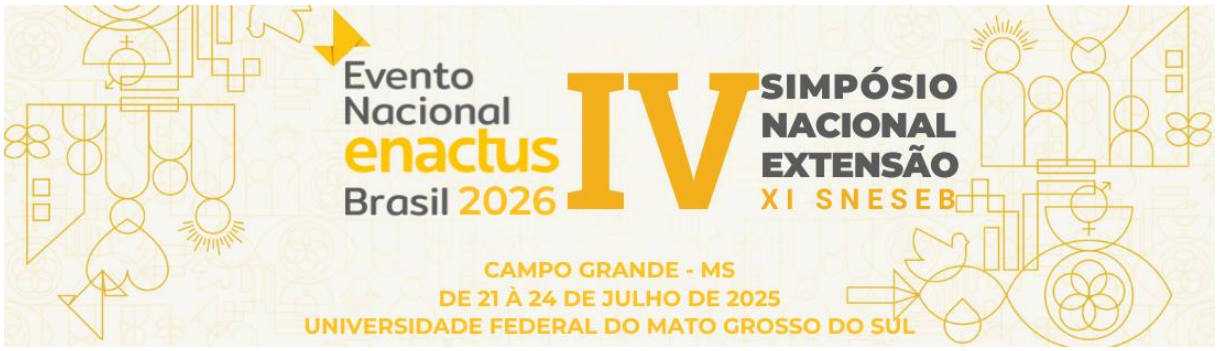


RESSIGNIFICANDO O PAPEL: ECONOMIA CRIATIVA E CIRCULAR NA INCLUSÃO SOCIOECONÔMICA DE JOVENS TRANSGÊNEROS – RELATO DE EXPERIÊNCIA

João Pedro Carvalho dos Santos[1]
Júlia Bethânia de Mesquita Gonçalves[2]
Fernando Luz de Castro[3]
Gabriel Silva Xavier de Brito[4]
Gustavo da Silva Valadares[5]
João Victor Aquino Ramos[6]
Maria Alice Ferruccio da Rocha[7]

Resumo

A pesquisa insere-se na vivência de jovens transgêneros expostos a situações de vulnerabilidade, discriminação e exclusão socioeconômica, sobretudo a evasão escolar e da difícil entrada no mercado de trabalho formal. O estudo visa analisar o desempenho do empreendedorismo por meio do artesanato sustentável como tecnologia social capaz de ressignificar o papel social da comunidade transgênero na cidade do Rio de Janeiro. Através do relato da primeira oficina de upcycling e estímulo à logística reversa em escolas, discutimos desde os aprendizados e dificuldades da experiência com os participantes até o resultado financeiro obtido com a comercialização da primeira obra artística em um evento cultural para concluir a viabilidade da atividade proposta como modelo de negócio de impacto real, replicável e expansível.

Palavras-chave: tecnologia social, empreendedorismo social, economia criativa e circular, artesanato sustentável, negócios de impacto socioambiental, protagonismo transgênero.

Abstract

[1]Graduando em Engenharia Ambiental, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. (joaocarvalho036@poli.ufrj.br)
[2]Graduanda em Relações Internacionais, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. (juliabethania@ufrj.br)
[3]Doutor, Instituto D'Or de Pesquisa e Ensino. (ferluzcastro@gmail.com)
[4]Graduando em Engenharia Naval, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. (gabriel.silva.x.brito@poli.ufr.br)
[5]Graduando em Engenharia Ambiental, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. (gusstavoguzz.20241@poli.ufrj.br)
[6]Graduando em Engenharia Ambiental, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. (jvictorar@poli.ufrj.br)
[7]Docente da Politécnica, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. (alice@poli.ufrj.br)

The research is part of the lived experiences of transgender youth exposed to situations of vulnerability, discrimination, and socioeconomic exclusion, especially school dropout and the difficult entry into the formal labor market. The study aims to analyze the performance of entrepreneurship through sustainable handicraft as a social technology capable of redefining the social role of the transgender community in the city of Rio de Janeiro. Through the report of the first upcycling workshop and the encouragement of reverse logistics in schools, we discuss the learnings and challenges of the experience with the participants, as well as the financial results obtained from the sale of the first artwork at a cultural event, to conclude the feasibility of the proposed activity as a real, replicable, and expandable impact business model.

Palavras-chave: social technology; social entrepreneurship; creative and circular economy; sustainable handicraft; social-environmental impact business; transgender protagonism.

INTRODUÇÃO

Pessoas trans expressam, de forma marcante em suas vivências, uma realidade na qual frequentemente enfrentam vulnerabilidades que impactam seu sustento, o acesso a direitos e o exercício pleno da autonomia. Experiências de discriminação contra essa população podem ocorrer desde a infância até a vida adulta, em diversos contextos, como no ambiente familiar, escolar, de trabalho e nos serviços de saúde. Nesses espaços, são frequentes situações de violência e exclusão, tanto físicas quanto psicológicas, que contribuem para a manutenção de desigualdades (ANTRA, 2025).

Nesse contexto, o acesso ao mercado de trabalho para pessoas trans no Brasil se apresenta como um exemplo claro dessas vulnerabilidades, uma vez que é profundamente afetado por barreiras que dificultam sua aceitação e inclusão. Segundo dados, mesmo quando alcançam o ensino superior, a desigualdade salarial permanece significativa: pessoas trans com diploma universitário ganham 27,6% menos do que trabalhadores com a mesma qualificação na população em geral. Somado a isso, dados adicionais mostram que a presença de pessoas trans no mercado de trabalho formal é 20 a 25% menor do que na população em geral em quase

todas as faixas etárias. A única exceção é a faixa etária de 14 a 17 anos, na qual a taxa de participação no mercado de trabalho formal de jovens trans é maior — um indicativo de que muitos podem se sentir compelidos a ingressar no mercado de trabalho prematuramente devido a pressões sociais e econômicas (IPEA, 2023).

Essas desigualdades estruturais aumentam a vulnerabilidade e expõem pessoas trans a riscos maiores, instabilidade e mobilidade social limitada. Neste contexto, observa-se que muitas pessoas trans encontram no empreendedorismo uma possibilidade de geração de renda e autonomia. Uma pesquisa revelou dados relevantes sobre o empreendedorismo na comunidade LGBTQIA+, destacando que cerca de 70% dos entrevistados possuem negócio próprio ou demonstraram alto interesse em empreender, liderando a intenção empreendedora dentro da comunidade (SEBRAE; DATAFOLHA, 2024). Ademais, tal disposição empreendedora está inclinada às artes e ao artesanato, conforme a pesquisa conduzida por Círico e colaboradores (2024), que analisou 92 empreendimentos de pessoas transgênero no Brasil e identificou que as principais áreas de atuação concentram-se em moda, artesanato, design, entre outros.

Neste cenário, na cidade do Rio de Janeiro, origina-se uma rede de monitoria, qualificação e acolhimento para estudantes trans do ensino médio, frequentemente atravessados por experiências de discriminação, risco de evasão escolar e rupturas familiares. A rede articula suporte psicopedagógico, fortalecimento de vínculos e ações direcionadas a empregabilidade, capacitação profissional e empreendedorismo social. Na proposta da frente voltada ao desenvolvimento de competências empreendedoras, fundamenta-se a economia criativa e circular como estratégia de geração de renda, por meio da utilização de técnicas de papel machê aplicadas à transformação de materiais escolares descartados em produtos artísticos de alto valor agregado, em uma perspectiva de *upcycling* e valorização de recursos, com a finalidade de exposição e comercialização em feiras de microempreendedorismo e cultura na zona sul da cidade.

Portanto, o objetivo deste relato é analisar o desenvolvimento inicial da proposta empreendedora como tecnologia social alternativa às vivências de discriminação, risco de evasão escolar e rupturas familiares dos adolescentes trans atendidos pelo projeto por meio de um modelo de negócio sustentável que estimula a economia criativa e circular, além do empoderamento comunitário.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Projeto fundamenta-se em conceitos interdisciplinares, tais como: tecnologia social, empreendedorismo social, economia criativa e circular, artesanato sustentável, negócios de impacto socioambiental e protagonismo transgênero. Suas bases teóricas e metodológicas sustentam a experiência e alinham-se com nossos objetivos para o empoderamento da comunidade transgênero em que atuamos.

O conceito de tecnologia social norteia as principais ações do projeto desde o início. Entende-se por tecnologia social as soluções tecnológicas concebidas com os atores locais, a partir de demandas sociais reais, em um processo que sirva de formação a todos os envolvidos, gere um serviço ou produto acessível à maioria e tenha potencial de reaplicação em diversas realidades (ADDOR; HENRIQUES, 2015).

Como instrumento de tecnologia social, adotamos o empreendedorismo social, um campo do empreendedorismo cuja finalidade, diferente do empreendedorismo em si, não visa propriamente o acúmulo de riquezas e a obtenção de lucro, mas sim criar valor social por meio da inovação, sustentabilidade, gestão de riscos e de oportunidades para superar necessidades sociais de um coletivo de pessoas não atendidas nem pelo Estado, nem pelo mercado (PARENTE et al., 2011). Este modelo é importante por permitir explorar a solidariedade da sociedade civil militante por meio do voluntariado e construir um modelo de negócio conforme a realidade de cada integrante. No projeto analisado, o conceito foi utilizado para mitigar os impactos negativos do desamparo institucional e familiar, estimular a permanência nos estudos e integração aos espaços sociais por parte do grupo-alvo através da geração de renda. Ademais,

pudemos contar com uma rede de parceiros voluntários e identificados com a pauta de empreendedorismo dentro de uma comunidade trans.

E como modelo de negócio, enxergou-se na economia circular e criativa o caminho mais aplicável à realidade desses jovens trans. O primeiro tem a estrutura estratégica que vai de encontro à lógica predatória do modelo linear de produção, através do estímulo aos princípios dos 5R's: repensar, recusar e reduzir tudo aquilo relacionado a processos produtivos, consumismo exagerado e desperdícios (principalmente daqueles danosos à natureza); e, por fim, reutilizar e reciclar recursos e materiais. Ou seja, trata-se de um mecanismo de mercado estruturado na eliminação de resíduos e da poluição, no cuidado de produtos e materiais e na regeneração por intenção e design (BARREIRA et al., 2025). Neste âmbito, enxerga-se a logística reversa como mecanismo operacional que permite o retorno de resíduos celulósicos descartados ao ciclo produtivo. Já o segundo conceito está orientado na capacidade de transformar recursos inerentes à inteligência humana - conhecimento criativo, artístico, cultural e intelectual - em produtos e serviços que gerem valor econômico e social nos setores diversos, como, por exemplo, artes, música, cinema, moda e design (DE MATOS; DE OLIVEIRA MATOS, 2025) . Portanto, a partir do design, os fundamentos teóricos da economia circular e da economia criativa unem-se na metodologia do *upcycling*, transformando produtos que seriam descartados em itens de maior valor social e econômico. Dessa forma, a experiência analisada serve de exemplo ao reutilizar livros e apostilas descartados por escolas para a prática do artesanato sustentável, ou seja, para o ato de reciclar o papel de forma criativa, gerando artefatos artesanais de alto valor agregado.

> *"Ao lidar com recursos renováveis, a Economia Criativa é estratégica para a sustentabilidade do planeta e de nossa espécie. Mas vai além: não é apenas uma atividade econômica, é também um fator de interação e evolução social, que pode fornecer elementos-chaves para um desenvolvimento baseado na percepção de nossa interdependência planetária. Ao atuar simultaneamente nas quatro dimensões ligadas à sustentabilidade*

> *(econômica, social, ambiental e simbólica), a Economia Criativa oferece possibilidade de recriar as sociedades e seus modelos, desenhando futuros mais desejáveis e harmônicos [...]" (DEHEINZELIN, 2008, apud DE MATOS; DE OLIVEIRA MATOS, 2025, p. 83)*

Por conseguinte, temos a construção de um negócio de impacto socioambiental adaptado para o exercício pleno do protagonismo desses jovens transgêneros, de modo que se construam espaços de liderança e narrativa das próprias experiências. Em outras palavras, temos um empreendimento social que visa resolver (ou pelo menos diminuir) os problemas socioambientais existentes no recorte social de maneira eficiente e sustentável. tendo potencial para impulsionar mudanças de pensamento nas organizações mais tradicionais, que podem inspirar-se e adotar abordagens mais inclusivas que dialoguem com, por exemplo, o capitalismo consciente (BARKI; RODRIGUES; COMINI, 2020).

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

1. Mobilização e Gestão de Resíduos

A viabilidade da tecnologia social iniciou-se com um mutirão de logística reversa em dezembro de 2025, em uma instituição de ensino da rede federal no Rio de Janeiro. Sob a supervisão voluntária de um docente de biologia e o auxílio logístico de um grupo local de escoteiros na alocação de materiais, a equipe realizou intervenções em salas de aula para sensibilizar estudantes sobre a gestão de resíduos. Utilizou-se um coletor de 120 litros, resultando na arrecadação de aproximadamente 85 kg de papel em excelente estado. O material foi transportado e submetido a uma pesagem oficial na sede de um projeto de gestão de resíduos de uma universidade pública, sendo destinado tanto à reciclagem quanto ao acervo de estudos da rede de apoio transgênero parceira. Paralelamente, a estruturação do projeto contou com suportes remotos estratégicos: a criação da identidade visual por um designer gráfico, que

conferiu credibilidade institucional para a articulação com a rede, e a organização financeira realizada por um membro de um Centro Acadêmico de Ciências Contábeis.

2. Execução da Oficina Piloto

A oficina ocorreu em março de 2026, em um núcleo interdisciplinar para desenvolvimento social de uma universidade pública. O público-alvo foi composto por quatro pessoas trans, entre 20 e 31 anos, incluindo estudantes e uma liderança da rede parceira. A dinâmica de sete horas foi dividida em etapas técnicas: produção da massa de papel machê, estruturação interna, modelagem e finalização. O aprendizado foi mediado pela exibição de um curso artístico de uma escultora de referência, enquanto um instrutor do projeto executava as etapas presencialmente, assistido por outros membros que ofereciam acompanhamento individualizado a cada aluno. Entre os participantes, destaca-se um homem trans norte-americano sem domínio da língua portuguesa. A comunicação ocorreu de forma adaptativa, utilizando ferramentas de tradução digital, as legendas do curso e a observação direta.

Para otimizar o cronograma, utilizou-se a Casetri (Câmara de Secagem Térmica por Radiação Infravermelha), estufa de baixo custo construída pela equipe com lâmpada de 250W e isolamento em caixa de papelão reciclada, reduzindo o tempo de secagem de horas para cerca de 60 minutos, permitindo a manipulação das peças no mesmo dia.

3. Vivências, Resiliência e Mercado Social

A proposta inicial de produzir bustos humanos foi ressignificada pela criatividade dos participantes, que optaram por esculpir personagens da cultura pop e elementos autorais. Durante a modelagem, um dos estudantes demonstrou um engajamento excepcional: apesar de possuir compromisso laboral no turno da tarde, optou por faltar ao trabalho para concluir sua obra. O mesmo aluno enfrentou o colapso estrutural de sua escultura devido ao uso de técnicas manuais não recomendadas, mas demonstrou resiliência ao reconstruí-la com sucesso, tornando-a o destaque artístico do dia.

Embora o tempo de aprendizado individual e a complexidade da técnica tenham impedido a finalização da última fase da oficina, cinco peças sem pintura foram concluídas voluntariamente pela equipe para exposição em um sarau cultural na Zona Sul do Rio de Janeiro. No evento, o projeto ocupou uma barraca negociada pela rede de apoio trans, criando um espaço de interação direta com o público. Um momento crucial de visibilidade ocorreu durante o "microfone aberto", onde lideranças trans e voluntários puderam discorrer sobre a missão e os valores da iniciativa. A experiência culminou na comercialização da primeira obra por R$200,00, cujo valor foi cedido pelo autor para o fundo financeiro do projeto, validando a potência da economia criativa como ferramenta de autonomia identitária.

ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA

Do momento inicial ao final da implementação do projeto, obtivemos resultados além do esperado. Desde o início com a coleta de resíduos e a oficina até o encerramento com a exposição na feira, obtivemos retornos excelentes.

Tratando da etapa inicial, a equipe realizou a coleta de 85 kg de papel em um colégio federal de referência. O volume obtido superou a estimativa preliminar, configurando-se como resultado de grande engajamento e impacto socioambiental. O papel descartado, que seria tratado como lixo, foi reintegrado como insumo produtivo, materializando, na prática, os princípios da economia circular definida por Barreira et al. (2025). A mobilização de obtenção de matéria-prima por logística reversa, ainda que simples, evidenciou a possibilidade de converter fluxos de resíduos institucionais em recursos produtivos, reduzindo a necessidade de aquisição de materiais industrializados.

Ao mesmo tempo, com a atividade de artesanato sustentável fundamentada na transformação do papel em massa de papel machê articulou-se a economia criativa definida por De Matos e De Oliveira Matos (2025), pela qual a criatividade e o saber artístico dos participantes foram convertidos em artefatos de alto valor agregado. O volume de material coletado ampliou a capacidade produtiva da oficina, possibilitando a experimentação e a repetição de tentativas por parte dos participantes. Esse fator, embora não mensurado

numericamente, contribuiu para atenuar a ansiedade relacionada à escassez de insumos e favoreceu um ambiente de aprendizagem mais seguro e exploratório. Esse feito exemplifica o conceito de tecnologia social trazida por Addor e Henriques (2015).

Ademais, a oficina de papel machê pôde ser interpretada como uma tecnologia social em construção, à luz do conceito proposto por Addor e Henriques (2015): soluções tecnológicas concebidas com atores locais, a partir de demandas reais, que servem de formação, geram produtos acessíveis e apresentam potencial de reaplicação. A Câmara de Secagem Térmica, por exemplo, foi desenvolvida pelos estudantes de engenharia do projeto como solução de baixo custo para reduzir o tempo de secagem das peças, materializando o teste concreto de mais um conceito, dessa vez o de tecnologia social. Apesar disso, a necessidade de ajustes durante a própria oficina indica que a tecnologia ainda está em fase de amadurecimento, exigindo múltiplas iterações para ser plenamente operada pelos participantes.

Durante a atividade, registrou-se o episódio de um aluno o qual desenvolveu uma técnica própria de modelagem, cuja peça, no entanto, deformou-se na secagem. A situação gerou frustração e o afastamento temporário do participante, mas, após uma breve pausa, ele retornou, reformulou a peça e concluiu o trabalho com dedicação. Esse processo, extrapolando a esfera técnica, evidencia a busca desses jovens pela construção de seus protagonismos e autonomia, pois envolve a vivência do erro, enfrentamento da frustração e reconstrução de trajetórias de aprendizagem até a experiência satisfatória.

Sob a perspectiva de Parente et al. (2011), o empreendedorismo social não se reduz à busca de lucro, mas à criação de valor social por meio da inovação, da gestão de riscos e da aposta em oportunidades. Nesse sentido, ao passo que o valor social produzido foi a experiência de resiliência, paciência e trabalho colaborativo fortalecedores de vínculos entre os participantes e de práticas de aprendizagem baseadas em solidariedade e voluntariado, a aposta em oportunidades se deu pela confiança e entrega desses mesmos participantes ao que os foi apresentado.

Portanto, o engajamento demonstrado pelos alunos ao longo da oficina manifesta o protagonismo transgênero e exemplifica os que indicam elevada propensão ao empreendedorismo como estratégia de geração de renda e mobilidade social trazidos pelo SEBRAE e pela DATAFOLHA (2024).

E por fim, mas não menos importante, podemos enxergar na participação do projeto na feira de artesanato do Sarau um momento central de validação do modelo de negócio com impacto socioambiental, visto que a ocasião permitiu a experimentação prática da comercialização, ampliando a compreensão sobre aceitação do público-alvo, modalidades de apresentação dos produtos e dinâmica de venda, elementos essenciais à consolidação de um negócio de impacto socioambiental. Ao longo do evento, diversos visitantes demonstraram interesse em conhecer o propósito do projeto, o processo de produção das peças, os preços e a disponibilidade para futuras vendas, reforçando a demanda potencial por esse tipo de iniciativa.

De forma geral, a experiência analisada indica que a proposta apresenta elevado potencial enquanto tecnologia social e negócio de impacto em fase inicial, ao articular sustentabilidade ambiental, geração de renda e inclusão social. Ao mesmo tempo, cria a oportunidade de aprimorar as estratégias de planejamento, consolidar a capacitação técnica dos participantes e, sobretudo, sistematizar indicadores de avaliação de impacto, de modo a qualificar a mensuração dos resultados e orientar a expansão e a replicação da iniciativa em outros contextos.

Do momento inicial ao final da implementação do projeto, obtivemos resultados além do esperado. Desde o início com a coleta de resíduos e a oficina até o encerramento com a exposição na feira, obtivemos retornos excelentes.

Tratando da etapa inicial, a equipe realizou a coleta de 85 kg de papel em um colégio federal de referência. O volume obtido superou a estimativa preliminar, configurando-se como resultado de grande engajamento e impacto socioambiental. O papel descartado, que seria tratado como lixo, foi reintegrado como insumo produtivo, materializando, na prática, os princípios da economia circular definida por Barreira et al. (2025). A mobilização de obtenção de matéria-prima por logística reversa, ainda que simples, evidenciou a possibilidade de

converter fluxos de resíduos institucionais em recursos produtivos, reduzindo a necessidade de aquisição de materiais industrializados.

Ao mesmo tempo, com a atividade de artesanato sustentável fundamentada na transformação do papel em massa de papel machê articulou-se a economia criativa definida por De Matos e De Oliveira Matos (2025), pela qual a criatividade e o saber artístico dos participantes foram convertidos em artefatos de alto valor agregado. O volume de material coletado ampliou a capacidade produtiva da oficina, possibilitando a experimentação e a repetição de tentativas por parte dos participantes. Esse fator, embora não mensurado numericamente, contribuiu para atenuar a ansiedade relacionada à escassez de insumos e favoreceu um ambiente de aprendizagem mais seguro e exploratório. Esse feito exemplifica o conceito de tecnologia social trazida por Addor e Henriques (2015).

Ademais, a oficina de papel machê pôde ser interpretada como uma tecnologia social em construção, à luz do conceito proposto por Addor e Henriques (2015): soluções tecnológicas concebidas com atores locais, a partir de demandas reais, que servem de formação, geram produtos acessíveis e apresentam potencial de reaplicação. A Câmara de Secagem Térmica, por exemplo, foi desenvolvida pelos estudantes de engenharia do projeto como solução de baixo custo para reduzir o tempo de secagem das peças, materializando o teste concreto de mais um conceito, dessa vez o de tecnologia social. Apesar disso, a necessidade de ajustes durante a própria oficina indica que a tecnologia ainda está em fase de amadurecimento, exigindo múltiplas iterações para ser plenamente operada pelos participantes.

Durante a atividade, registrou-se o episódio de um aluno o qual desenvolveu uma técnica própria de modelagem, cuja peça, no entanto, deformou-se na secagem. A situação gerou frustração e o afastamento temporário do participante, mas, após uma breve pausa, ele retornou, reformulou a peça e concluiu o trabalho com dedicação. Esse processo, extrapolando a esfera técnica, evidencia a busca desses jovens pela construção de seus protagonismos e autonomia, pois envolve a vivência do erro, enfrentamento da frustração e reconstrução de trajetórias de aprendizagem até a experiência satisfatória.

Sob a perspectiva de Parente et al. (2011), o empreendedorismo social não se reduz à busca de lucro, mas à criação de valor social por meio da inovação, da gestão de riscos e da aposta em oportunidades. Nesse sentido, ao passo que o valor social produzido foi a experiência de resiliência, paciência e trabalho colaborativo fortalecedores de vínculos entre os participantes e de práticas de aprendizagem baseadas em solidariedade e voluntariado, a aposta em oportunidades se deu pela confiança e entrega desses mesmos participantes ao que os foi apresentado.

Portanto, o engajamento demonstrado pelos alunos ao longo da oficina manifesta o protagonismo transgênero e exemplifica os que indicam elevada propensão ao empreendedorismo como estratégia de geração de renda e mobilidade social trazidos pelo SEBRAE e pela DATAFOLHA (2024).

E por fim, mas não menos importante, podemos enxergar na participação do projeto na feira de artesanato do Sarau um momento central de validação do modelo de negócio com impacto socioambiental, visto que a ocasião permitiu a experimentação prática da comercialização, ampliando a compreensão sobre aceitação do público-alvo, modalidades de apresentação dos produtos e dinâmica de venda, elementos essenciais à consolidação de um negócio de impacto socioambiental. Ao longo do evento, diversos visitantes demonstraram interesse em conhecer o propósito do projeto, o processo de produção das peças, os preços e a disponibilidade para futuras vendas, reforçando a demanda potencial por esse tipo de iniciativa. De forma geral, a experiência analisada indica que a proposta apresenta elevado potencial enquanto tecnologia social e negócio de impacto em fase inicial, ao articular sustentabilidade ambiental, geração de renda e inclusão social. Ao mesmo tempo, cria a oportunidade de aprimorar as estratégias de planejamento, consolidar a capacitação técnica dos participantes e, sobretudo, sistematizar indicadores de avaliação de impacto, de modo a qualificar a mensuração dos resultados e orientar a expansão e a replicação da iniciativa em outros contextos.

CONCLUSÕES

Em síntese, este relato tem como objetivo demonstrar que é possível criar-se soluções inovadoras de enfrentamento das vulnerabilidades de pessoas Transgêneros. A combinação entre criatividade e sustentabilidade representa, portanto, uma resposta contemporânea aos desafios do século XXI, ao propor soluções que articulam, de forma integrada, estética, funcionalidade e responsabilidade ética.

Ao articularmos diferentes frentes de atuação, como: coleta de resíduos em ambiente escolar, realização de oficinas formativas e participação em feiras de artesanatos, o projeto demonstra uma aplicação prática de seu modelo. A coleta de resíduos não apenas contribui para a redução de impactos ambientais, mas também se insere como etapa fundamental da cadeia produtiva proposta, alinhada aos princípios da economia criativa e circular. Já as oficinas e a inserção em espaços de comercialização possibilitam o desenvolvimento de competências, o estímulo ao protagonismo e a experimentação das dinâmicas de empreendedorismo.

As experiências vivenciadas foram significativamente positivas, com destaque para o engajamento dos participantes, o fortalecimento de vínculos comunitários e a criação de espaços mais seguros e acolhedores. Ao promover a convergência entre cultura, tecnologia e sustentabilidade, abre-se caminho para uma sociedade mais inclusiva, resiliente e inovadora, em que o crescimento econômico caminham lado a lado com a justiça social e a preservação do planeta.

Dessa forma, a experiência não apenas cumpriu nossos objetivos iniciais, como também estabeleceu bases sólidas para sua consolidação enquanto negócio de impacto socioambiental, alinhado às demandas da atualidade por soluções inclusivas, sustentáveis e inovadoras.

O presente relato técnico utilizou a ferramenta de Inteligência Artificial Generativa Gemini 3 Flash (Google) para fins exclusivos de revisão gramatical, ajuste de estilo acadêmico, verificação de legibilidade e adequação às normas de formatação do edital. A autoria intelectual, a coleta de dados e a análise dos resultados permanecem de responsabilidade exclusiva dos autores. Data: 30 de março de 2026

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTRA (Associação Nacional de s e Transexuais). **Dossiê: Assassinatos e violências contra s e transexuais brasileiras em 2024**. Brasília, DF, 2025. Disponível em: https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2025/01/dossie-antra-2025.pdf. Acesso em: 27 abr. 2025.

CÍRICO, Juh; GALVÃO, Akira Aikyo; CASA NOVA, Silvia Pereira de Castro. *Mapeamento das características do empreendedorismo transgênero no Brasil*. Navus, Florianópolis, v. 14, p. 1-18, jan./dez. 2024a. ISSN 2237-4558. Disponível em: https://doi.org/10.22279/navus.v14.1814. Acesso em: 19 mar. 2026.

CÍRICO, Juh. *Vozes da resistência: vivências de pessoas transgêneras e s na contabilidade brasileira*. 2024b. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.te.2024.280. Acesso em: 19 mar. 2026.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). A inserção e as características das pessoas trans no assalariamento formal. Boletim Mercado de Trabalho, n. 80. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2023.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2. ed. Brasília, DF, 2012. 42 p.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE); INSTITUTO DATAFOLHA. *Relatório da Pesquisa Quantitativa LGBT+: Empreendedorismo no Brasil – 2024*. Paraná: Sebrae PR, 2024. Disponível em: https://sebraepr.com.br/impulsiona/diversidade-que-empreende-panorama-lgbt-no-brasil/?srsltid=AfmBOopFk1tbVjX9yh7uPkw8FcsQNexFRlE1HRIho7v7Ual32IeedD7h

PARENTE, Cristina et al. Empreendedorismo social: contributos teóricos para a sua definição. 2011. Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/61185/2/cparenteempreendedorismo000151867.pdf . Acesso em: 22 de março de 2026

BARREIRA, Bruna Rodrigues Vazquez et al. Ecocanvas: Um modelo de negócio para uma economia circular. Humanidades & Inovação, v. 12, n. 1, p. 360-373, 2025. Disponível em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/9772. Acesso em:22 de março de 2026

DE MATOS, Nailton Santos; DE OLIVEIRA MATOS, Kédima Ferreira. Economia Criativa e Sustentabilidade. InGeTec-Inovação, Gestão & Tecnologia, v. 5, n. 9, p. 81-96, 2025. Disponível em: https://www.fatecbarueri.edu.br/revista/index.php/ingetec/article/view/208/66. Acesso em: 22 de março de 2026

ADDOR, Felipe; HENRIQUES, Flávio Chedid (Orgs.). Tecnologia, participação e território: reflexões a partir da prática extensionista. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.. Disponível em: https://rosy.phl.bib.br/uploads/arquivo/1674582615.pdf. Acesso em: 25 de março de 2026

BARKI, Edgard; RODRIGUES, Juliana; COMINI, Graziella Maria. Negócios de impacto: um conceito em construção. Revista de empreendedorismo e gestão de pequenas empresas, v. 9, n. 4, p. 477-501, 2020. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7610402.pdf. Acesso em: 25 de março de 2026